

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

DANILA LIMA DE SOUZA

A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE PARICONHA-AL

DELMIRO GOUVEIA - AL
2020

DANILA LIMA DE SOUZA

A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE PARICONHA-AL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia pela Universidade
Federal de Alagoas.

Orientadora: profa. Msc. Noélia Rodrigues dos
Santos

DELMIRO GOUVEIA- AL
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S729p Souza, Danila Lima de

A perspectiva dos professores sobre a relação família e dificuldades de aprendizagem: um estudo de caso em uma escola municipal de Pariconha – AL / Danila Lima de Souza. – 2020.

62 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Noélia Rodrigues dos Santos.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.

Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2020.

1. Educação. 2. Dificuldade de aprendizagem. 3. Família. 4. Professor. I. Título.

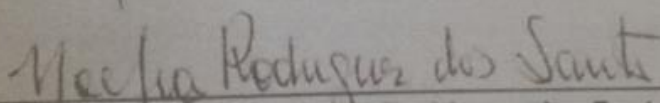
CDU: 37.015.3

DANILA LIMA DE SOUZA

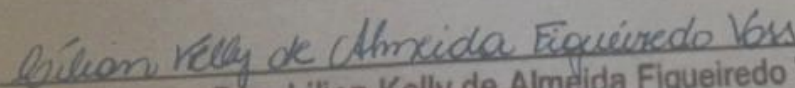
A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA E
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE PARICONHA-AL

Aprovada em 18/02/2020

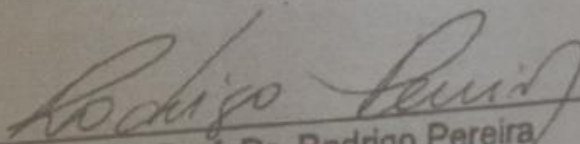
BANCA EXAMINADORA



Profa. Msc. Noélia Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Orientadora)



Profa. Dra. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão



Prof. Dr. Rodrigo Pereira
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Minha profunda gratidão a Deus por ter me dado força mesmo quando tudo parecia perdido. Ele me levantou das cinzas.

LISTA DE SIGLAS

ABD- Associação Brasileira de Dislexia
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
DA - Dificuldade de Aprendizagem
EJA - Educação de Jovens e Adultos
LDB - Leis de Diretrizes e Base
PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar
SAF - Síndrome Alcoólica Fetal
TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força para enfrentar todas as dificuldades que encontrei durante a trajetória acadêmica, por ter me ajudado a levantar quando cai e, também, todas as vezes que pensei em desistir por não suportar mais tantas dificuldades no percurso das disciplinas, além de executar este trabalho.

Agradeço a minha mãe Valdice Lima de Souza que, em meio as dificuldades financeiras, fez de tudo para que eu tivesse condições de continuar estudando, na esperança de me garantir um futuro diferente do seu, em se tratando das oportunidades, podendo me proporcionar a chance de ter uma formação.

Agradeço ao regente do Coro Universitário Marcel Silva Garrido, por nunca desistir da minha capacidade de me tornar uma excelente profissional, não apenas na área da pedagogia, mas no campo da educação musical através do canto coral e, também, por ter proporcionado a prática da teoria aprendida na sala de aula auxiliando na produção de trabalhos acadêmicos, na área da pedagogia, orientando na produção acadêmica de artigos científicos no campo da música e apresentação em eventos dos mesmos, não esquecendo do esforço e auxílio de importância na produção deste trabalho.

Agradeço a todos os professores que passaram por essa trajetória, que não foi fácil, mas que me ajudaram na formação profissional.

Sou grata a minha orientadora Noélia Rodrigues dos Santos, pelo tempo dedicado nas orientações desse trabalho e pelos esclarecimentos das dúvidas relacionadas.

Minha gratidão as minhas irmãs de coração, Franciele Gomes Alves e Monique Oliveira da Penha, por sempre estarem do meu lado apoiando e dando forças para continuar as produções acadêmicas. Obrigada por estarem do meu lado não me deixando desistir. Amo vocês.

RESUMO

E este trabalho trás os conceitos de dificuldade a partir do olhar dos principais autores que tratam do assunto. A necessidade de se falar sobre isso surgiu em uma experiência de estagio visto que havia criança identificadas com DA no entanto quando era aplicado um método diferente a mesma não apresentava dificuldade de compreensão. Encontramos aqui também os conceitos de famílias e sua tipologia, e qual influencia ela traz ao longo da história na era medieval e contemporânea com relação a aprendizagem de seus filhos. A pesquisa foi de cunho qualitativo e trazemos aqui as categorias da aprendizagem colhidas a partir dos resultados obtidos nas respostas das questões do estudo de caso respondido pelos professores. O objetivo é identificar a partir dos relatos quais as principais causas presentes no meio escolar e quais as realidades encontradas no âmbito escolar. A instituição que foi instrumento da pesquisa apresenta crianças que se encontram no quadro de dificuldades de aprendizagem, sendo elas crianças ou adolescentes, quando existem casos onde a dificuldade de aprendizagem não desaparece com o passar dos anos. A lei de diretrizes e base no seu parágrafo primeiro fala sobre a educação como um processo formativo e de desenvolvimento familiar, e no seu parágrafo segundo regulamenta que a prática escolar deve vincular se ao mundo e a sociedade. (LDB 9394/96), sendo assim a escola é o meio com o qual a criança não apenas entende-se como meio de aprendizagem, mas também como um ser social pensante. Sendo assim a proposta aqui apresentada mostra através das respostas colhidas dos educadores da instituição que dificuldade de aprendizagem é uma realidade presente sim na instituição e que a família é um fator de importância para o desenvolvimento cognitivo dos filhos com D.A.

Palavras-chave: aprendizagem, família, educação

ABSTRACT

This work brings the concepts of difficulty from the perspective of the main authors who deal with the subject. The need to talk about it arose in an internship experience since there were children identified with AD, however when a different method was applied, they did not have difficulty understanding. We also find here the concepts of families and their typology, and which influence it brings throughout history in the medieval and contemporary era in relation to their children's learning. The research was of a qualitative nature and we bring here the categories of learning gathered from the results obtained in the answers to the questions of the case study answered by the teachers. The objective is to identify from the reports which are the main causes present in the school environment and which are the realities found in the school environment. The institution that was the research instrument presents children who are in the framework of learning difficulties, whether they are children or adolescents, when they exist. cases where the learning disability does not disappear over the years. The guideline and base law in its first paragraph talks about education as a formative and family development process, and in its second paragraph it regulates that school practice must be linked to the world and society. (LDB 9394/96), so the school is the means with which the child not only sees himself as a means of learning, but also as a thinking social being. Therefore, the proposal presented here shows through the responses collected from the educators of the institution that learning difficulties are a reality present in the institution and that the family is an important factor for the cognitive development of children with D.A.

Keyword: learning, family, education

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUAS CAUSAS MAIS COMUNS NO ÂMBITO ESCOLAR.....	13
2.1 Dificuldades de aprendizagem: definições e tipologia.....	13
2.2 Causas patológicas relacionadas a aprendizagem	19
2.3 Tipos de dificuldades de aprendizagem	22
2.4 As dificuldades de aprendizagem mais comuns encontradas em sala de aula 26	
2.5 Como identificar as causas de dificuldades de aprendizagem.....	28
3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA	30
3.1 Conceitos de família.....	30
3.2 A família na época medieval e a família na contemporaneidade	33
3.3 A escolarização das camadas populares e a visão da família diante dessa realidade	37
4 A VISÃO DOS PROFESSORES A PARTIR DO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA 44	
4.1 Caminho metodológico	44
4.2 Contextualização do campo da pesquisa.....	46
4. 3 Análises dos dados.....	47
4.3.1 Tipos de dificuldade de aprendizagem existentes em sala de aula:	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu através de uma inquietação relacionada as dificuldades de aprendizagem percebidas em estudantes da Escola de Educação Básica localizada na cidade de Pariconha durante o período de Estágio Supervisionado II solicitado pela Universidade Federal De Alagoas. Sendo as dificuldades de aprendizagem instrumentos de muitas pesquisas, nunca se chegou a um resultado que identificasse uma causa concreta, pois existem casos diagnosticados patologicamente, outros podem ser relacionados a casos emocionais, sendo que foram percebidos por meio de observação no espaço escolar.

A dificuldade de aprendizagem é uma realidade constante na escola instrumento do estudo de caso. Segundo os professores a indisciplina é algo que atrapalha a aprendizagem, em outros casos as crianças são identificadas com hiperatividade. O objetivo deste trabalho é identificar quais as causas de dificuldade de aprendizagem mais comuns encontradas pela visão dos profissionais de educação, e a relação da família juntamente com a instituição de ensino contribui na aprendizagem de seus filhos.

De acordo com as normas de padronização de pesquisa e metodologia do trabalho acadêmico da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) (2012), foram desenvolvidos três capítulos divididos em aporte teórico no primeiro, em que conceituamos dificuldades de aprendizagem a partir do olhar dos mais importantes teóricos que falam sobre a temática, explicamos suas causas. a partir de várias pesquisas desenvolvidas por eles, no entanto sem sucesso de uma conclusão concreta do que causa as dificuldades de aprendizagem.

Para os autores as dificuldades de aprendizagem também estão ligadas ao comportamento, sendo que a criança que possui a D.A. também está ligada a seu comportamento dificultando assim que a aprendizagem aconteça. As autoras Smith e Strick relatam que algumas crianças além de tentarem melhorar a DA também tentam melhorar sua relação entre o meio, sendo que com essa melhora ajuda na interação e no êxito da aprendizagem.

No segundo capítulo abordamos a inter-relação entre família e escola relacionado a aprendizagem, mas antes de se tratar sobre a no âmbito escolar encontramos neste capítulo os conceitos de famílias e sua tipologia. Sendo assim

foram listados os tipos de família e qual o papel dela na sociedade a partir do olhar ao longo dos tempos e os novos formatos de família na contemporaneidade. A família é um fator de grande importância na vida escolar dos alunos, pois é nela que se inicia o processo de escolarização quando os pais passam para seus filhos o que eles sabem, já se inicia um processo de aprendizagem a partir da educação familiar.

A família teve muitas fases que referenciaram a aprendizagem, sendo elas da antiguidade onde as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, sendo enviadas a outras famílias para serem educadas através dos afazeres domésticos. E quando a escola entra na vida delas, apenas as crianças de classe média e eclesiásticos tinham acesso. Esse método é trazido a partir dos teóricos ao longo da história como eficaz na realidade das crianças da época. Tendo em vista esse viés os principais teóricos que falam sobre a temática escola e família são: Ariés (2006), Carvalho (2006) e Nogueira (1998) e quando pensamos no formato de família na contemporaneidade encontramos uma realidade onde a família se encontra em vários formatos, e se torna uma questão importante a se tratar relacionando também se isso tem prejuízo ou não para as crianças que estão inseridas nas famílias modernas.

O terceiro capítulo em suma fala sobre o tipo de pesquisa realizada e como foi feita a abordagem dos participantes a partir das visitas a instituição de ensino e os resultados coletados da pesquisa realizada em uma escola pública do município de Pariconha-AL. A pesquisa foi feita através de um questionário contendo quatro (4) questões, duas (2) questões envolvendo o conceito de dificuldade de aprendizagem, e duas (2) questões trazendo relações do ambiente familiar no âmbito escolar em relação a aprendizagem dos filhos com dificuldades de aprendizagem.

As respostas obtidas mostram que uma das causas de dificuldade de aprendizagem comum nas respostas dos pesquisados foram a desatenção e hiperatividade como motivo que impossibilitava as crianças e adolescentes a não aprenderem o que está sendo passado em sala de aula. Em discussão os resultados obtidos mostram também a indisciplina como um dos pontos fortes para que a aprendizagem não aconteça.

É importante colocar uma questão a se pensar, o contexto social no qual os envolvidos estão inseridos, pois é de suma importância o campo social para a aprendizagem. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola uma das metas é visar em qual escola querem construir, juntamente com as relações

interpessoais dos alunos e visando o diálogo entre a comunidade escolar com os discentes.

Por fim, este trabalho pôde perceber que as causas de dificuldades de aprendizagens ainda podem ter temas de muitas discussões quando as mesmas não têm uma causa específica, mas diversos fatores, sendo o educador mediador de métodos que facilitem o aprendizado desses alunos respeitando a especificidade de cada um.

2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUAS CAUSAS MAIS COMUNS NO ÂMBITO ESCOLAR

Este capítulo aborda o conceito de dificuldades de aprendizagem (DA), suas causas, as dificuldades mais comuns encontradas em sala de aula, os tipos e as influências patológicas, assim como as providências tomadas sobre as crianças diagnosticadas com déficit de aprendizagem. Em se tratando do desenvolvimento cerebral discute as principais causas, envolvendo fatores internos e externos, que afetam a área responsável pela aprendizagem no cérebro, tais como: fatores químicos e familiares. Outro sim, se aprofunda em conhecer outros conceitos de dificuldades de aprendizagem dentro do espaço escolar.

2.1 Dificuldades de aprendizagem: definições e tipologia

Antes de falarmos sobre as dificuldades de aprendizagem e em que elas consistem podemos compreender as concepções através do estudo de alguns teóricos do campo da psicologia da educação, que nos dizem como a aprendizagem acontece e suas fases de desenvolvimento.

Sobre o desenvolvimento da inteligência nos apoiamos na teoria de Piaget e Vygotsky, que falam sobre o desenvolvimento intelectual do ser humano, através dos estudos de Stefanini e Cruz (2006), que tratam sobre as dificuldades de aprendizagem a partir da reflexão sobre o pensamento desses autores, onde se baseiam nos estudos sobre como a aprendizagem acontece.

Outro autor que também fala sobre a aprendizagem é o Félix Díaz que traz o conceito de aprendizagem relacionando com a construção a partir do meio. Segundo Díaz (2011, p. 83) a aprendizagem acontece:

Como um processo mediante o qual o indivíduo adquire informações, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, para construir de modo progressivo e interminável suas representações do interno (o que pertence a ele) e do externo (o que está “fora” de) numa constante inter-relação biopsicossocial com seu meio e fundamentalmente na infância, através da ajuda proporcionada pelos outros.

As autoras Smith e Strick (2007) apresentam o conceito piagetiano, em que a criança tem a construção do pensamento através da interação com objetos por meio da ação. Com o passar do tempo, começam a formar esquemas e combinar ações. Estas assimilações de esquemas se dão por estruturas intelectuais. Esse desenvolvimento cognitivo da criança provém de uma evolução que acontece gradativamente e que passa de um período a outro.

De acordo com a teoria piagetiana o desenvolvimento ocorre em períodos classificados como apresentados na tabela 1:

Classificação dos Estágio de Desenvolvimento – Jean Piaget	
ESTÁGIOS	DESCRIÇÃO
Sensório-motor	Desde o nascimento até aproximadamente 02 anos de vida. Período em que a criança adquire a noção de objeto, espaço, tempo e linguagem;
Pré-operatório	Dos 02 até os 07 anos. Caracteriza a formação de linguagem e do raciocínio lógico, onde a criança consegue identificar e relacionar situações e imitações;
Operacional Concreto	Dos 07 aos 11 anos. Desenvolve a capacidade intelectual da criança, e começa a organizar as operações concretas com reversibilidade do pensamento;
Operacional Formal	11 anos ou mais. O adolescente se torna capaz de raciocinar e de deduzir sobre hipóteses e proposições. (PIAGET apud STEFANINI; CRUZ. 2006, p.87)

Tabela 1: Classificação dos Estágios de Desenvolvimentos - Jean Piaget

Fonte: Tabela construída pela própria autora

Outro importante teórico estudado por Stefanini e Cruz (2006), que fala sobre a aprendizagem, é Vygotsky que afirmar que a aprendizagem resulta da interação da criança com o meio social, onde relaciona pensamento e linguagem, que segundo ele constitui no ponto mais alto do funcionamento cognitivo.

Pois envolve a reflexão, o planejamento e a organização, propiciados pelo pensamento verbal construído pela mediação simbólica ou social, desenvolvendo os conceitos de zona de desenvolvimento proximal e aprendizagem mediada! (STEFANINE; CRUZ 2006, p.88).

Ainda nos apoiando nos conceitos de Vygotsky observamos, também, o conceito de nível de desenvolvimento que se divide em dois níveis: o real e o proximal. O nível de desenvolvimento real tem a ver com o potencial da criança para realizar tarefas sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial tem a ver com as atividades que as crianças conseguem realizar com a ajuda de alguém. A zona de desenvolvimento real é o estímulo do intelecto da criança, e o proximal aquilo que a criança consegue aprender com o auxílio de um adulto ou de outra pessoa mais capaz.

A dificuldade de aprendizagem implica em uma área que suscita muitas pesquisas, contudo sem um resultado específico. Podemos também considerar os fatores internos e externos que influenciam no saber escolar. A família diante desse contexto, quando seus filhos são diagnosticados com dificuldade de aprendizagem, pode participar ativamente da vida escolar dando apoio aos seus filhos e com isso fazer com que evoluam no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, frente a nossa realidade, em que se evidencia o alto índice de fracasso escolar, implementação do sistema de promoção automática e de novos métodos de ensino, entre outros, torna-se relevante analisarmos como se encontram as nossas crianças com relação à aquisição da escrita. (CARNEIRO, MARTINELLE e SISTO, 2003, p.428)

O termo “dificuldade de aprendizagem”, (Smith; Strick, 2007) nos diz que se refere não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do acadêmico.

Vemos que as dificuldades de aprendizagem não podem ser atribuídas a apenas um fator, mas que podem ser relacionadas ao ambiente familiar onde a criança está inserida. As dificuldades de aprendizagem são tão sutis que a criança não aparenta ter dificuldade alguma (Smith; Strick, 2007). O que faz essas crianças terem algo em comum é o baixo rendimento escolar que configura uma certa dificuldade de caráter acadêmico.

De acordo com Stefanini e Cruz (2006) o conceito de DA se refere a um grupo específico de crianças que apresentam uma dificuldade significativa, na fala, leitura, e escrita, raciocínio e habilidades matemáticas. Segundo as autoras, esses transtornos causam um déficit na aprendizagem do indivíduo pois operam de maneira negativa em áreas essenciais para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Podem existir juntamente com a dificuldade de aprendizagem problemas na interação social, que não são denominadas como uma dificuldade de aprendizagem, mas, entretanto, é proveniente dela.

A escola também é considerada um ponto de extrema importância em se tratando de DA, pois a depender do método de ensino aplicado pela mesma a criança desenvolve ou não o seu cognitivo. Mas nem sempre a instituição de ensino consegue desenvolver métodos que possibilitem ao aluno um bom desempenho, pela estrutura onde os professores estão inseridos e pelas condições de salas de aula.

Entretanto as dificuldades de aprendizagem ainda é um tema que é debatido a pouco tempo e, por ventura, é algo que intriga os pesquisadores com relação a suas causas no âmbito escolar.

A área das dificuldades de aprendizagem, talvez por ser ainda bastante jovem, é aquela que tem experimentado mais crescimento, mais controvérsia e é, porventura, a mais confusa de todas aquelas que se inserem no espectro das necessidades educativas especiais (NEE). (CORREIA, 2007, p. 156)

Dificuldade de aprendizagem não é algo que se possa enxergar como uma deficiência ou necessidade educacional especial, contudo quando a criança possui um diagnóstico clínico, os pais começam a ter um olhar voltado para o acompanhamento de seus filhos juntamente a escola. No entanto, não é causa de deficiência mental, privação social ou distúrbio sociais ou de comportamento (HAMMIL, 1990 apud GIL, 2011, p.03).

Mas afinal o que causa as dificuldades de aprendizagem? Essa questão pode não ter uma resposta para todos os casos. No entanto, se dá por vários fatores envolvidos. Dependendo de cada caso existe uma causa real. Em alguns casos os cientistas realizam autópsias dos pacientes com dificuldades de aprendizagem para descobrir as causas, e com isso descobrem que algumas dificuldades de aprendizagens são herdadas (SMITH; STRICK, 2007, p. 20).

No entanto, de acordo com as pesquisas estudadas entende-se que não se pode monopolizar as causas de dificuldade de aprendizagem, pois ela está relacionada a diversos fatores. Em consonância com as autoras Stefanini e Cruz (2006), que relacionam as dificuldades de aprendizagem como um fator social a se considerar estando relacionado a autoconfiança que as crianças possuem em si mesmas, segundo elas, crianças com dificuldade de aprendizagem também possuem problemas de comportamento.

Podemos considerar, também, outro tipo de dificuldade de aprendizagem em uma área que tem um grau de importância relacionado, a linguagem.

A linguagem, que de certa forma ajuda na formação da aprendizagem, sendo ela ferramenta de comunicação e interação com o meio sendo que quando falamos utilizamos uma ferramenta de comunicação verbal. A partir dos conceitos dos autores Schirmer, Fontoura e Nunes (2004) em suas pesquisas apontam a questão da linguagem como um exemplo de função cortical superior, e seu desenvolvimento se sustenta, por um lado, em uma estrutura anatomofuncional geneticamente determinada e, por outro, em um estímulo verbal que depende do ambiente (SCHIRMER; FONTOURA; NUNES, 2004).

Segundo Smith e Strick (2007) os pais que tem crianças com dificuldades de aprendizagem não precisam ter formação em psicologia, contudo encorajar seus filhos a darem o máximo de si, e também a superarem seus obstáculos, criando neles uma autoconfiança em si mesmos, os envolvendo nas responsabilidades da casa e na comunidade (SMITH; STRICK, 2007) O papel dos pais de crianças com dificuldades de aprendizagem precisa estar ligado juntamente com a escola para um bom desenvolvimento da criança, pois com o apoio deles os filhos se sentem seguros e motivados para tentar melhorar seu desenvolvimento cognitivo.

Segundo Feitosa e Nunes (2012) existem muitos estudos sobre dificuldades de aprendizagem, no entanto não se tem uma causa específica, os alunos que não

conseguem acompanhar o ritmo e as competências da turma são na maioria das vezes considerados com dificuldades de aprendizagem (FEITOSA; NUNES, 2012)

A família é um forte influenciador para que a criança tenha um resultado satisfatório e uma melhora no seu desenvolvimento. Dessa forma, diminuindo o impacto relacionado a dificuldade de aprendizagem. Nisto Smith e Strick nos dizem que,

A família é um forte influenciador no desenvolvimento intelectual da criança, e também pelo ambiente onde ela se relaciona e se comunica. Ainda que as dificuldades de aprendizagem tenham uma origem biológica, o ambiente é um fator de influenciador de importância para que a criança tenha ou não dificuldade de aprendizagem (SMITH; STRICK, 2007, p.20).

Sendo assim, a família é um fator importante na aprendizagem da criança, podendo auxiliar ativamente em seu desenvolvimento cognitivo, acompanhando a escola, e embora as dificuldades de aprendizagem sejam consideradas permanentes, elas podem ter uma grande melhora se o ambiente for favorável ao aprendizado, onde a família se coloca em uma condição de apoio à criança e também de incentivo.

É importante estar atento às causas das dificuldades de aprendizagem, pois sabendo de onde surgem é possível encontrar uma forma de ajudar a criança a desenvolver o seu cognitivo. Tendo em vista este conceito, Smith, Strick, Díaz, Bee e Boyd mostram algumas das causas que levam a criança a ter dificuldade de aprendizagem, e que merecem uma atenção especial. Um diagnóstico que responda às questões sobre as causas de DA é muito difícil, pois existem diversas influências ambientais (família e meio social) e patológicas (lesão cerebral ou de má formação ou até mesmo no parto) para que isso aconteça.

Neste conceito nos apoiando na abordagem dos autores acima citados trazemos as possíveis causas que podem levar a criança a ter dificuldade de aprendizagem. A partir da teoria das autoras Smith e Strick (2007) podemos identificar as causas de DA que podem afetar o desenvolvimento cognitivo. São elas: lesão cerebral, alterações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, influências ambientais tais como ambiente doméstico, e ambiente da escola.

Bee e Boyd (2011), sobre os estágios de desenvolvimento da criança, ressaltam que de início a primeira experiência é a familiar e, a partir do avanço das

fases de desenvolvimento a criança começa a realizar as tarefas, à medida que possível. A partir dessa visão podemos identificar que existe uma relação de importância na experiência familiar, onde a criança começa a superar seus primeiros desafios.

2.2 Causas patológicas relacionadas a aprendizagem

Quando as causas de dificuldades de aprendizagem não implicam em questões comportamentais estão relacionadas a patologias que impedem o desenvolvimento cognitivo. Por este viés, encontramos as características que estão ligadas a fatores internos, sendo assim deixando um déficit na efetivação de uma aprendizagem por problemas ligados diretamente ao cérebro.

Sobre a *Lesão cerebral* podemos ressaltar que os alunos com dificuldade de aprendizagem, tinham experimentado algum dano no cérebro. Hoje em dia se sabe que nem sempre as dificuldades de aprendizagem são provenientes de alguma lesão no cérebro, nem todos os casos de DA são causados pela patologia.

No entanto, sabe-se que não há dúvidas sobre a dificuldade de aprendizagem de algumas crianças ser realmente provenientes de lesões cerebrais. Para Smitch e Strick (2007) algumas doenças também tem relação com as dificuldades de aprendizagens, como por exemplo: hemorragias cerebrais e tumores, doenças como encefalite e meningite, transtornos glandulares não tratados na primeira infância. A desnutrição e a exposição a substâncias químicas tóxicas (como chumbo e pesticidas) também causam danos cerebrais, levando a problemas de aprendizagem.

Com relação a lesões no cérebro, obviamente podem causar diversos problemas. Existem crianças que desenvolvem paralisia e outras dificuldades físicas resultantes do dano cerebral, frequentemente e também apresentam dificuldades de aprendizagem.

Alterações no desenvolvimento cerebral, é notório perceber que em alguns casos a formação do cérebro tem uma importância considerável, pois a depender da área má formada pode comprometer uma região fundamental para a aprendizagem. Diante disso algumas abordagens legitimam com mais clareza como isso pode afetar a aprendizagem e suas dificuldades também estão relacionadas com a área

patológica, e alguns casos estão ligados a má formação do cérebro e consequentemente até em má formação do corpo humano.

Essas influências podem ser por meio interno e intervenção externa também, sendo que pode ocorrer por intervenção intencional, como é o caso das mães alcoólatras que a consequência disso segundo (BEE e BOYD, 2011) acabam causando um retardo mental por consumirem álcool durante a gravidez. A síndrome citada pelas autoras é a SAF (Síndrome Alcoólica Fetal), essa patologia afeta não só o retardo mental, mas também má formação física.

Contudo, não se pode contar que as dificuldades de aprendizagem são ligadas a apenas um fator, mas que pode envolver várias causas diferentes, sendo elas patológicas ou não.

Diante dessas variantes, existe no cérebro uma área que se afetada pode comprometer de forma prejudicial o desenvolvimento e aprendizagem. Smith e Strick apontam essa área que é a área que tem a ver com a linguagem. Indo de encontro com as autoras podemos identificar no cérebro a região do hemisfério esquerdo é “hipoativo” e o hemisfério direito é hiperativo. O lado esquerdo do cérebro está relacionado com as funções de linguagem e quando apresentam algum problema nessa área, apresentam uma dificuldade da leitura e escrita e podem ter dificuldades na fala. Isso também pode estar relacionado com dificuldades na fala. Alunos que tem problema relacionado nessa área do cérebro também apresentam dificuldade com raciocínio lógico.

No discurso dos pesquisadores vemos também um outro ponto que podem estar relacionado com a dificuldade de aprendizagem, a “hiperatividade nos lobos frontais”. Segundo Smith e Strick (2007, p.25) “os lobos frontais do córtex cerebral governam o comportamento motor e também incluem regiões envolvidas no planejamento e no julgamento, no foco da atenção, na organização e na avaliação de informações e na moderação das emoções”.

Sendo assim, nos apoiando na ideia aqui defendida se existe um problema na área dos lobos frontais o aluno tende a ter problemas na coordenação motora, articulações ou controles dos impulsos. Contudo, a criança com problemas nessa região tem atitudes de imaturidade, ainda que estejam em nível intelectual alto.

Crianças que tem problemas nessa região tendem a ter um raciocínio lento comparando a crianças da mesma faixa etária e se elas se depararem com situações de pressão, acabam por ter um atraso no processamento de informação. Sendo

assim, a remoção da limitação de tempo ajuda a criança com dificuldade de aprendizagem a ter um melhor desempenho da atividade.

Contudo, nem todas as dificuldades de aprendizagem acontecem por conta de problemas de formação no cérebro ou porque alguma parte do cérebro se desenvolve de forma mais lenta que o normal. No entanto, alunos que possuem essa dificuldade têm passado por momento de frustração em sala de aula por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento cognitivo da sala de aula, pois não estavam acompanhando o ritmo da turma.

Existem problemáticas existentes que falam sobre dificuldades de aprendizagem sendo influências externas que prejudicam o funcionamento do cérebro quando falamos na região em que fica localizada a área responsável pela aprendizagem.

Desequilíbrios químicos, o cérebro humano possui neurotransmissores que se comunicam por meio de mensagem, e no caso de uma mudança por meio químico, essa mensagem pode ser alterada e não chegar adequadamente ao cérebro ou chega com alguma alteração. Um caso evidente é a interferência do álcool que causa alterações no raciocínio e na fala de quem ingere e é facilmente percebido por quem entra em contato com alguém que ingeriu. No entanto, a alteração causada pelo álcool não é permanente, essa alteração é temporária na região química cerebral. Essa ideia defendida por Smith e Strick (2007) nos dá uma visão mais clara sobre como entender o que acontece e no nosso cérebro possui um agente externo interrompendo a aprendizagem.

Uma das características das pessoas com alteração na parte química do cérebro são transtornos na aprendizagem como desatenção e impulsividade e hiperatividade. Essa impulsividade também é chamada de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Os alunos com TDAH geralmente são inquietos e desorganizados, e esse comportamento se repete na casa deles também. (Grifos nossos)

Hereditariedade, também é um agravante que influencia na dificuldade de aprendizagem e segundo Smith e Strick (2007) “desde meados da década de 80 indicam que a hereditariedade exerce um papel bem maior na determinação do desenvolvimento de dificuldades de aprendizagem do que supunha anteriormente”,

No entanto, um problema que os pais enfrentam com crianças que possuem transtornos de dificuldades de aprendizagem é que na época deles não se falava sobre isso, e para o profissional falar com os pais sobre isso se torna difícil porque na

época deles não se falava sobre esse assunto, e que hoje é uma realidade entre algumas crianças. Todavia é algo que tem em sua influência não somente patológica, mas também ambiental.

As Influências ambientais, onde a criança está inserida influenciam na aprendizagem, tanto no campo escolar quanto no meio familiar pois a família é a primeiro estágio de aprendizagem onde a criança começa a desenvolver o seu cognitivo. Precisamos considerar que onde a criança está inserida influencia no êxito ou fracasso da aprendizagem, e estar atento a esses detalhes se torna perceptível como sanar o problema. (Grifo nosso)

Ambiente doméstico entra também no contexto familiar, onde o parentesco conta como agravante na aprendizagem dos alunos, pois a depender da quantidade de irmãos a aprendizagem se efetiva de forma diversa de um para o outro sendo que, cada criança responde ao processo de ensino aprendizagem de forma diversa.

Os psicólogos estão começando a estudar essas variáveis infrafamiliares. Até agora, eles tem examinado principalmente diferenças óbvias, tais como o número de filhos em uma família ou posição da criança dentro da família, as quais parecem estar pelo menos ligeiramente relacionadas ao escore de QI da criança. (BEE; BOYD, 2011, p. 211)

A participação da família na vida da criança implica em um desenvolvimento cognitivo melhor, pois a criança com apoio em seu ambiente familiar se sente mais segura para encarar novos desafios e alcançar metas.

Entretanto, ainda que o ambiente tem forte influência na aprendizagem, tais dificuldades podem desaparecer se o educador que estiver em sala de aula tiver uma boa dinâmica, este consegue fazer com que o aluno se desenvolva cognitivamente. Para Gil (2011, p.6) “se perceber a dificuldade de aprendizagem tem vindo a ser encarada no contexto educativo português é importante perceber também como é que se tem desenvolvido a educação especial para nossas escolas”.

2.3 Tipos de dificuldades de aprendizagem

As dificuldades de aprendizagem não estão ligadas apenas a meios patológicos, estando relacionadas também a fins de convívio familiar e social. Existem

crianças que não conseguem desenvolver a aprendizagem porque não conseguem interagir com o meio. Sendo assim, não expõem suas dúvidas, dificultando assim o trabalho do educador que tenta sanar o problema relacionado a aprendizagem.

A criança com dificuldade de aprendizagem em uma área também afeta outras áreas. As autoras Smith e Strick apontam o exemplo de uma criança que tem problemas com linguagem e também desenvolve problemas de concentração, e isso atrasa o seu desenvolvimento em coordenação motora fina. Sendo assim, cada déficit, deve ter devida atenção, pois um pode agravar o quadro de outro.

Ainda nos baseando na teoria de Smith e Strick (2007), que ressaltam que é importante perceber que as dificuldades de aprendizagem não acabam quando a criança vai para casa, pois a sua percepção de mundo fica alterada, e com isso pode alterar sua conduta e relacionamentos sociais com seus familiares.

As dificuldades de aprendizagem podem trazer consequências emocionais, visto que muitas vezes pode ser exigido de um aluno com dificuldade de aprendizagem que execute uma tarefa que para ele é difícil. Ou cobrança de familiares quando ela é a única que não consegue executar a tarefa. Nem sempre a criança é estimulada devidamente, e acabam por desistir de tentar por imprimir na mente a ideia de que fracassarão. Trazemos alguns tipos de dificuldades de aprendizagem de acordo com as autoras pesquisadas.

Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade, (TDAH), As crianças que são identificadas com esse déficit têm características que possuem também problemas de comportamento, sendo assim ocasionam em uma aprendizagem defasada. Quem possui o TDAH em se tratando dos alunos tem dificuldade em seguir regras de jogos. Também são caracterizados por falarem o que pensam se comunicando impulsivamente; entretanto, essa característica ocasiona em rejeição social.

Durante a pré-escola, a criança com TDAH pode não se diferenciar dos colegas, uma vez que baixo nível de atenção concentrada, agitação motora e impulsividade são comuns nesta faixa etária. No início do ensino fundamental, entretanto, a criança com TDAH começa a ser vista como diferente das demais e os problemas começam a aparecer com maior intensidade. (DESIDÉRIO e MYAZAKI, 2007, p. 166)

Para que uma pessoa seja considerada com TDAH não é necessário a presença de todas características. Entretanto, Calimam (2010) explica que existem três características que são predominantes para que a criança seja considerada com

transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. São elas *hiperatividade, impulsividade e desatenção*. Ela também ressalta que estas três estão interligadas e elas estão alternadas entre si.

Em certos momentos, o aspecto que mais caracterizava o quadro era a hiperatividade que em seguida, foi destronado pela desatenção que, também em seguida, foi transformado em um aspecto menor de funções executivas (CALIMAM, 2010, p. 48).

Deficiência de percepção visual, não está ligado a problemas visuais, mas está relacionado a como as crianças percebem e compreendem o que vê. Tem dificuldade em interpretar, reconhecer, organizar ou recordar imagens visuais. Esse transtorno faz com que a criança tenha problemas em decodificar mapas ou gráficos e tabelas. Outra característica é que crianças com esse problema não tem noção de espaço. Geralmente crianças com esse tipo de dificuldade tem problema em relacionar mapas e gráficos.

Em percepção visual da forma, o reconhecimento de cenas visuais ou padrões é um processo fundamental. A idéia da decomposição de objeto complexo dentro de subunidades elementares e o fato de que cada célula individual da via retina-genículo-estriado (via de condução que vai da retina ao córtex visual estriado passando pelo núcleo geniculado lateral) poder responder apenas a certos atributos da imagem levaram vários pesquisadores a investigarem estímulos visuais elementares e/ou primitivos com o objetivo de tentar identificar os atributos ou as subunidades nas quais um padrão complexo é decomposto e processado. (SANTOS; SIMAS, 2001, p. 157)

Essa deficiência também tem reflexo no comportamento social. E também deixa quem possui com um fraco senso de direção. Sendo assim, crianças com esse tipo de patologia, precisam de uma maior atenção no ensino fundamental, quando a necessidade for dominar sistemas ou símbolos visuais. Contudo, alunos que tem essa característica, tem chance de se tornarem alunos de sucesso.

Deficiência de processamento de linguagem, começa com a linguagem falada e escrita. As crianças com esse tipo de dificuldades apresentam sinais de que possuem essa característica, quando por exemplo, memória fraca para receber instruções, problemas na fala e na caligrafia. Esse problema pode piorar quando a

instrução é muito complexa. Nos jovens essas características se apresentam na fala quando se expressam de forma confusa.

A linguagem escrita e sua aprendizagem pela criança é tema predominante nos meios educacionais, mas também tem sido foco de pesquisas em outras áreas, como a psicologia do desenvolvimento, a psicologia cognitiva, a lingüística e a fonoaudiologia. A psicologia cognitiva focaliza a análise dos processos cognitivos subjacentes às habilidades de ler e escrever, tanto no leitor/ escritor proficiente, como no leitor/escritor iniciante e naqueles com distúrbios de leitura e escrita. (SALLES; PARENTE, 2007, p. 690)

Existe também a dificuldade em associar o som a palavra escrita, onde não conseguem identificar se o som está no início ou no fim da palavra. Ainda que crianças com esse problema consigam decodificar as palavras, elas parecem não fazer sentido para relacionar o que ouvem com o que escrevem. Crianças com essa dificuldade também apresentam uma falha na escrita, com problema em lidar com lápis e papel.

Na visão do professor que se depara com uma criança que tem esse tipo de dificuldade, tende a pensar que o aluno não compreende as orientações ele passa em sala de aula. É importante ressaltar que ao professor cabe um caráter de importância que a fala seja clara e pausadamente para que o aluno possa ter uma clareza no que está sendo dito seja recebido com clareza no método aplicado em sala de aula.

Deficiência motora fina significa dizer que quem tem esse tipo de deficiência não consegue controlar pequenos músculos que tem em suas mãos. Segundo Smith e Strick (2007) essa deficiência não tem impacto na capacidade intelectual, mas interfere no desempenho escolar porque prejudica a comunicação por meio da escrita. Sendo assim crianças com essa deficiência não conseguem escrever bem, por mais que tenham bastante tempo. (SMITH; STRICK, 2007, p.55).

Visto que crianças que possuem esse tipo de problema não gostam de escrever, e quando precisam trabalhar a escrita são bastante lentas e precisam de muito tempo para desenvolverem uma escrita legível. As crianças que tem deficiência motora fina, se chateiam por não conseguirem fazer tarefas que exigem uma maior coordenação motora. Com o tempo elas podem melhorar, em sua expressão escrita e podem recorrer a recursos como áudios para tarefas de casa e para uma boa comunicação.

2.4 As dificuldades de aprendizagem mais comuns encontradas em sala de aula

As dificuldades de aprendizagem são uma realidade muito vista nas escolas, entretanto existem algumas que são encontradas com mais frequência, e podem ser identificadas quando o professor observa um atraso no desenvolvimento de atividades curriculares aplicadas em sala. Sendo assim, o professor percebendo que o retardo permanece orienta que a criança seja submetida a uma avaliação diagnostica onde procura identificar se ela possui ou não um déficit na área da aprendizagem.

No entanto se essas intervenções não forem suficientes para sanar o problema, a família é orientada a procurar um neurologista para poder trabalhar juntamente com a escola no acompanhamento da aprendizagem. Visto que, trabalhando em conjunto, pais, escola, e profissional da saúde chegam ao objetivo em comum que é fazer com que a aprendizagem aconteça de forma efetiva.

Podemos aqui abordar algumas dificuldades de aprendizagens mais frequentes encontradas em sala de aula, para isso nos apoiaremos nos conceitos de Feitosa e Nunes (2012) São elas: a dislexia, dislalia, a disorgrafia, a disgrafia e a discalculia, e diante dessas temáticas, podemos entender como se dá o processo em meio a cada especificidade. .

Discalculia é uma dificuldade que o aluno possui em lidar com os números. Essa dificuldade faz com que ele não consiga elaborar operações matemáticas e compreender as regras para responder questões simples. (COELHO, 2012) traz uma definição de Rebelo que diz, “*Discalculia* deriva do conceito (dis) desvio “calcular” números que interfere na matemática na utilização e manipulação dos números REBELO 1998^a, apud COELHO 2012 p.130)”.

Dislália segundo Feitosa e Nunes(2012) “a é uma dificuldade que se expressa na emissão da fala, apresenta pronúncia inapropriada das palavras, permutas de fonemas e sons errados, deixando assim a criança desorientada ao ensino. (FEITOSA; NUNES, 2012, p. 06) as características dessa dificuldade são percebidas quando a criança tem uma característica na fala inadequada, pronunciando incorretamente as palavras, visto que essa dificuldade acarreta em uma confusão na hora de aprender fonemas e palavras.

Dislexia para a Associação Brasileira de Dislexia se dá em,

[...]“um transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas¹ ”. (ABD apud SIGNOR, 2015, p. 974)

Desse modo, quando o aluno não consegue ler naturalmente, trocando ou omitindo letras manifesta-se, portanto, característica de dislexia. Outro ponto a se observar se dá em uma discrepância em soletração, possui uma letra pouco legível, na leitura sua visão fica embaralhada quando está perante um texto.

Diáz (2011) fala sobre a questão do que fazer quando uma criança é identificada com dislexia, mas segundo ele é necessário observar antes como a criança se desenvolve com sua percepção visual. Nisso, o autor está relacionando o contexto da psicomotricidade, que é um ponto fundamental quando se trata de observar o comportamento da criança para se perceber se realmente ela pode se entendida com caraterísticas de dislexia.

Disorgrafia, para Feitosa e Nunes (2012), esse déficit pode estar ligado também com a dislexia, porque se trata de linguagem. A criança demonstra dificuldade trocando grafemas. Essa dificuldade causa um certo desânimo na criança, deixando-a desmotivada para a aprendizagem, não conseguindo permanecer atenta na sala de aula. “A separação das sílabas é desordenada e a compreensão dos sinais de pontuação não são respeitados”. (FEITOSA; NUNES, 2012, p.07)

Disgrafia para Coelho (2012) é uma contrariedade relacionada com a escrita. A criança que possui essa dificuldade não consegue escrever bem. Segundo a autora isso merece uma atenção antes que seja evoluído para um grau de disgrafia. As causas desse déficit está ligada a linhas de pesquisa de muitos estudos incluído nas D.A.s, por conseguinte, disgrafia a partir desse conceito está associado a” - Distúrbios na motricidade ampla e fina, relacionados com a falta de coordenação entre o que a criança se propõe fazer (intenção) e o que realiza (perturbações no domínio do corpo);” (COELHO, 2012, p. 08)

Não existe uma causa específica para que sejam diagnosticadas as dificuldades de aprendizagem, contudo apesar das DAs serem alvo de várias investigações dos pesquisadores há um insucesso quando o objetivo se dá em achar

uma causa real, entretanto essa temática sempre está no âmbito de pesquisas na nossa contemporaneidade.

2.5 Como identificar as causas de dificuldades de aprendizagem

Nos conceitos de Smith e Strick (2007, p.63) “para se identificar as dificuldades de aprendizagem existem bastante tempo e observação por meio de entrevistas e também exige um processo de avaliação individual”. No entanto, para se ter um resultado mais preciso sobre a dificuldade de aprendizagem se faz necessário uma observação contínua sobre o desenvolvimento da criança na área cognitiva, na fala e também na escrita. Se a dificuldade permanecer, cabe fazer uma avaliação podendo constatar se a criança tem o não o perfil de dificuldade de aprendizagem

Para que exista uma intervenção externa nas DAs é necessário um acompanhamento da criança percebendo se o déficit permanece ou desaparece com o tempo. Isso fica evidente quando a criança não acompanha o ritmo dos colegas em sala de aula Quando as DAs persistem vale uma inserção de uma intervenção externa para sanar o problema completamente ou até mesmo aplacar os as dificuldades na área cognitiva dos alunos.

Portanto, quando um aluno começa a ficar para trás, as escolas com frequência recomendam uma abordagem de “esperar para ver”, tentando meios tradicionais de “auxílio extra” por um ano ou dois, antes de decidirem-se por uma ação adicional. (SMITH; STRICK, 2007, p.63).

No entanto, nem sempre um atraso pode significar dificuldades de aprendizagem. Com relação ao retardo na fala, por exemplo, existe uma pequena porcentagem de crianças que demoram a falar por interferências de fatores externos, como deixar a criança em contato contínuo com aparelhos de televisão ou que possuem contato com pessoas que falam pouco, com isso podem ocorrer da criança ter um atraso na fala.

O vínculo dos pais com a escola é muito importante para auxiliar a criança nas dificuldades que ela apresenta. Se os métodos apresentados pela escola não forem satisfatórios, pode acarretar em um desinteresse por parte do aluno diagnosticado com DA. “Os pais devem ser os primeiros a observar o desenvolvimento de seus filhos

nas relações interpessoais e de desenvolvimento cognitivo” (FEITOSA; NUNES, 2012, p.08).

O professor pode ter o auxílio dos pais podendo assim intensificar nos métodos de ensino que facilitam a aprendizagem dos alunos. Sabe-se que os métodos aplicados em sala de aula interferem positivamente no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Outro fator é que a criança por vezes não tiver conseguindo acompanhar o ritmo da sala, o professor poderá diminuir o ritmo para que as habilidades dos alunos se desenvolvam com mais facilidade. Contudo, se a criança não se desenvolveu de forma positiva aos métodos aplicados pelos professores, cabe realizar um teste que identificará se a criança tem ou não dificuldade de aprendizagem.

Qualquer discussão sobre a retenção deve ocorrer com os resultados de uma avaliação sobre a mesa. Uma criança que tem problemas de processamento de informações geralmente não se beneficiará da repetição de lições que não funcionaram antes. Programas individualizados que abordam as deficiências específicas são necessários à medida que a criança avança com os colegas para a série seguinte (SMITH; STRICK, 2007, p. 67).

Essa avaliação se faz necessário para que os professores possam identificar se a criança tem ou não dificuldades de aprendizagem, pois se torna inviável a aplicação de métodos de aprendizagem repetitivos que não deram certo.

As autoras ressaltam também que uma criança que tenha dificuldade de aprendizagem pode não conseguir escrever bem, no entanto, pode ter habilidades no desenho. Esse desempenho inconsciente, se torna claro quando a criança tem a capacidade de entender uma disciplina em um dia da semana, e dois dias depois não conseguir relacionar o que viu.

Seu aprendizado é inconstante, pois em um ano podem gostar de uma matéria e no ano seguinte descobrir que não gostam tanto por sentir dificuldade. O comportamento inconsciente dessas crianças intriga pais e professores, todavia, os pais culpam os professores, relatando que os seus filhos não se sentem motivados a aprender.

De acordo com Feitosa e Nunes (2012) é papel do professor procurar sanar esse problema relacionado a dificuldades de aprendizagem, e chegar com êxito ao objetivo. Já a família cabe a função de procurar ajuda profissional para que seus filhos tenham um tratamento adequado (FEITOSA; NUNES, 2012).

As autoras Stevanato e Loureiro (2013) realizaram uma pesquisa com 58 crianças com o objetivo de analisar se as crianças de uma determinada escola que possuíam dificuldades de aprendizagem também possuíam dificuldades de comportamento. O resultado foi variado, sendo que a relação de comportamento não tem acordo com as dificuldades acadêmica, sendo que existem crianças que possuem a DA mas não possuem problemas comportamentais

Quando foram confrontadas ao se auto avaliarem, as crianças que apresentavam DA se consideravam inferiores as outras crianças, tendo também sempre pensamentos negativos e insatisfação consigo mesmas. Os resultados extraídos também mostraram que não existem diferenças em relação a diferenças comportamentais, pois os resultados foram variados (STEVANATO, LOUREIRO, *et al.*, 2013)

Diante dos conceitos aqui abordados pelos autores e suas pesquisas é difícil lidar com as dificuldades aqui citadas, sendo que a escola não tem, muitas vezes, capacitação para lidar dos casos de DA em sua especificidade.

3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Este tópico trata sobre o conceito de família e sua tipologia. Também fala sobre o que cabe a família em suas características com relação o papel dos pais na aprendizagem de seus filhos, visto que os métodos que efetivaram a aprendizagem passam por diversas mudanças ao longo da história onde começam com a educação em casa com a criança considerada como um adulto em miniatura, em se tratando da época medieval. Na contemporaneidade vemos a família em seus diversos formatos e qual impacto isso causa na criança e se isso interfere ou não na aprendizagem. Entramos também em um diálogo sobre a escolarização das camadas populares e a visão da família perante esse contexto.

3.1 Conceitos de família

A família em si é considerada o fundamento da sociedade por ser algo encontrado em diversos agrupamentos na sociedade. Desta maneira, pode variar em

seus agrupamentos. Segundo Marcone e Pessotto (2009) a família é um fenômeno biológico e tornou-se também um fenômeno social. Sendo assim, toda a família possui regras, mas não se aplica a todos os formatos de família, pois ela se constrói e reconstrói ao longo dos tempos.

As autoras Marcone e Pressoto (2009) citam duas pesquisadoras que falam sobre o conceito de família, Murdock (1969) que fala sobre a família como uma organização de resistência econômica e de reprodução e Lucy Mair (1970) que retrata que família é um grupo doméstico onde os pais e seus filhos moram juntos (MARCONI; PRESSOTTO, 2009, p. 92). Contudo, existem várias definições de família e como ela é classificada.

Existem alguns tipos de família que as autoras nos trazem, dentre elas podemos classificar em: 1) Elementar ou nuclear, 2) Extensa, 3) Composta 4) Conjugada fraterna, 5) Fantasma e 6) homoafetiva.

A sociedade é composta de várias organizações que podemos chamar de família, onde não se pode caracterizar com um padrão monopolizado, sendo ela constituída e muitas variantes. Tendo em vista esse contexto, podemos destacar algumas variantes.

Sabemos que nos dias atuais existem vários formatos de casamentos. Desse modo aqui iremos nos prender aos conceitos em sua especificidade ao longo da história. A conceituação de matrimônio se dá na união entre um homem e uma mulher, e os filhos dessa união são reconhecidos como filhos legítimos de mãe e pai.

Com o casamento o filho se torna membro de uma família diferente da que ele nasceu, e constitui a sua própria família, saindo do papel de filho para se tornar pai e chefe de família. Com o matrimônio, os cônjuges criam novos laços entre os familiares de ambos e também dão a seus filhos um status perante a sociedade. Marconi e Presotto (2009) nos dizem que “O matrimônio cria novas relações sociais entre os cônjuges e em cada um deles e os parentes do outro. Estabelece também diretos e status dos filhos”.

Por fim pré-marital que se dá no sexo antes do casamento, a maioria da sociedade aceita esse tipo de prática, no entanto segundo as autoras uma parcela de 67% impõe uma pequena restrição ao comportamento sexual (MARCONI; PRESOTTO, 2009).

TIPOS DE FAMÍLIA

Família Nuclear ou Elementar

- > Composta por um homem e uma mulher e seus filhos;
- > É reconhecida pela sociedade;
- > É denominado "concubinato" quando a união não é socialmente reconhecida.

Família Extensa

- > Constituída por duas ou mais famílias de parentesco consanguíneo;
- > Os parentes consanguíneos são do sexo masculino e feminino;
- > Também pode ser constituída por tios e sobrinhos.

Família Composta

- > Formada por 03 ou mais cônjuges e seus filhos.

Família Conjugada Fraterna

- > Formada por irmãos e suas esposas;
- > Também é caracterizada como consanguínea.

Família Fantasma

- > Formada por uma mãe e seus filhos;
- > A figura paterna não exerce plenas funções;
- > A figura paterna é apenas o progenitor;
- > A função de pai cabe ao irmão mais velho.

Família Homoafetiva

- > Configura-se por um casal do mesmo sexo e uma criança.

Tabela 2: Constituição Familiar

Fonte 1: MARCONI; PRESOTTO, 2009, p.93-95; ROSA; BORIS, et al., 2016, p.211

Existem algumas funções que cabem a família, podemos classificar as básicas e as subsidiárias. As básicas são: a sexual, a reprodução, a econômica e a educacional. Já as subsidiárias estão ligadas ao jurídico, religioso e recreativo, na construção da formação do indivíduo incluso na sociedade. Visto que

Outra função universal consiste na proteção dos interesses familiares contra estranhos. Esta função varia mais em grau do que em espécie. Em muitas sociedades o indivíduo pode contar com o apoio de sua família, em qualquer circunstância ou complicações com estranhos, seja ou não e custe o que custar a seus parentes. Em outras, o padrão de assistência é insignificante (MARCONI; PRESOTTO, 2009 p.96)

Dado que cabe a família o cuidado e zelo pelos bens em comum por parte de parentesco consanguíneos (irmãos, tios e sobrinhos) nem em toda organização familiar isso é aplicado, por considerar insignificante tais posturas

Marconi e Pressoto (2009) abordam as questões das regras de união, são elas *endogamia*, *exogamia* e *pré-marital* na endogamia é uma regra que obriga os cônjuges a escolherem estarem relacionados ao mesmo grupo, na exógena a regra é que que socialmente a pessoa pode escolher para se casar pessoa de outro grupo a qual pertença fora do parentesco.

A estrutura familiar sofreu várias mudanças ao longo dos tempos, ganhando novos formatos e com pluralidades de características. A luta por direitos da família homoafetiva foi uma constante onde houve um ganho dos direitos e consequentemente dos deveres do casal homoafetivos, visto que

As uniões homoafetivos ganharam espaço crescente nos embates sociais e na luta pelos direitos dos homossexuais de constituírem famílias, o que culminou com a conquista do direito à união estável sendo reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011. Nessa decisão histórica, o STF contribuiu para que se reformulasse o conceito de família no contexto nacional, garantindo direitos e deveres aos parceiros do mesmo sexo que decidem dar fundamento jurídico às suas uniões ((ROSA, BORIS, *et al.*, 2016, p. 211)

A família em si é uma organização social onde se cultiva o carinho entre as pessoas envolvidas, e com a família homoafetiva não é diferente, pois a família é o lugar onde se criam afetos entre os integrantes da mesma.

3.2A família na época medieval e a família na contemporaneidade

Ariés (começa discutindo sobre a questão familiar na era medieval a partir da abordagem inglesa. Em meados do século XV podemos perceber a função social da criança e como a aprendizagem era vista naquele século. As crianças naquela época ao completarem sete anos de idade precisavam deixar a casa dos pais, e serem inseridas em outras casas. Assim sendo aprendizes, e lá permanecem entre sete e oito anos, à vista disso, entre os 14 a 18 anos de idade. Essa cultura inglesa fazia com que as pessoas mandassem seus filhos para outras casas como aprendizes e recebessem em suas casas filhos de pessoas estranhas.

E esse aprendizado servia na época para ensinar as crianças a terem boas maneiras. “Ao mestre cabia a responsabilidade de ensinar como eram realizadas as tarefas, ou então deveriam fazê-las frequentar a escola” (ARIÉS, 2006, p.155).

As tarefas do cotidiano eram tidas como instrumentos de aprendizagem, pois a criança aprendia pela experiência na casa de estranhos. Isso segundo ARIÉS (2006) não significava que os pais não amassem seus filhos, mas que davam a possibilidade deles aprenderem na prática.

A criança aprendia pela prática, e essa prática não parava nos limites de uma profissão, ainda mais porque na época não havia (e por muito tempo ainda não haveria) limites entre a profissão e a vida particular, a participação na vida profissional expressão bastante antagônica, aliás acarretava na vida privada com a qual se confundia aquela. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitiria a uma criança não ao seu filho, mas ao de outro homem, a bagagem de conhecimento e bagagem prática e o valor humano que pudesse possuir (ARIÉS, 2006, p. 156)

Logo, a aprendizagem e os afazeres domésticos andavam juntos de tal maneira que as crianças deixavam a casa de seus pais para irem servir na casa de estranhos ou até mesmo a padres, enquanto seus pais recebiam em suas casas crianças desconhecidas. Isso era um hábito que foi aplicado em todas as classes sem distinção. Não havia lugar para a escola naquela época, Áries (2006) nos traz que a educação escolar era reservada a uma minoria, por uma classe muito particular como a clérigos ou aos latinófenos, onde aparecem, mas como um caso isolado.

A regra comum a todos era a aprendizagem. Mesmo os clérigos que eram enviados a escola, muitas vezes eram confiados---- como outros aprendizes-- a um clérigo, um padre, as vezes um prelado a quem passavam a servir. O serviço fazia tão parte de um clérigo quanto a escola. No caso dos estudantes muito pobres, ele foi substituído pelas bolsas dos colégios: vimos que essas fundações foram a origem dos colégios do Ancien Régime (ARIÉS, 2006, p.157)

A família não podia alimentar um sentimento profundo pelos seus filhos, pois na época a família tinha o papel moral e social, e não sentimental para com seus filhos. Ainda que eles amassem seus filhos não podiam se apegar. Ariés (2006) discute a relação sobre as famílias mais pobres. Para ele essa organização familiar não existia pois o que prevalecia era a ambição das camadas sociais.

Podemos ressaltar que no contexto social o que prevalecia não era o valor sentimental dos pais pelos seus filhos, embora existisse amor para com eles, mas a aprendizagem era importante para o desenvolvimento cognitivo e social da criança. A escola adentra somente alguns anos depois, mas nem todas as crianças poderiam frequentar, somente os meninos de classe média. Anos mais tarde foi expandido a aprendizagem pela escola para as meninas.

Quando a escola entrou na vida das crianças, a família teve uma aproximação maior. Isso ocorreu no século XVII, período em que as crianças eram enviadas para

escolas distantes, entrando em contradição com a teoria de que a educação em casa era mais eficaz

A vista disso de acordo com o autor a escolarização estendeu-se primeiro a classe média considerando a hierarquia social. Com relação a alta nobreza continuaram aos métodos de ensino e aprendizagem tradicionais.

As sobrevivências da antiga aprendizagem nas duas extremidades da escala social não impediram seu declínio: a escola venceu através da ampliação dos efetivos, do aumento do número de unidades escolares e de sua autoridade moral (ARIÉS, 2006, p. 160).

A educação em casa foi se extinguindo à medida que as escolas foram se expandindo e o acesso ficou mais acessível. Acreditava-se por muito tempo que as crianças tinham capacidade de dispensar a ajuda de seus familiares. Não se tinha uma intimidade, já que as crianças viviam na casa de estranhos.

A educação familiar era importante para formação das crianças em cidadãos para a sociedade. Dessa forma, elas eram educadas em casas de famílias podendo assim se encaixar de acordo com os padrões da sociedade

Antes do surgimento da escola como um lugar especializado de educação formal, as crianças e jovens educavam-se na família e na comunidade, inclusive pela participação nas práticas produtivas e rituais coletivos. A educação como transmissão cultural distingue-se em popular (oral e prática) e erudita (letrada, formal, sinônimo de cultura), sendo esta última reservada as elites – em casa com mestres e mestras residentes, ou em colégios internos (CARVALHO, 2004, p. 48).

Com o tempo, a criança começou a ser vista como incapaz de enfrentar a vida sem os pais, e que ela precisaria ser preparada antes de ser enviada ao convívio social em meio aos adultos. “A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão de bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar corpos e almas”. (ARIÉS, 2006, p.194).

Essa educação se dava na formação do indivíduo juntamente com as famílias. Contudo, aos poucos foi se extinguindo ao longo dos tempos e a mudança do currículo foi se adequando a necessidade da época, pela classe social, raça, sexo e etnia. Todavia, existia aquelas que não eram contempladas por esse currículo como as

mulheres pobres negras e indígenas e quando tiveram acesso à escola e currículo estes eram diferenciados.

A bandeira da educação para todos- em fins do século XIX nos países ricos e em fins do século XX nos países mais pobres- convida os excluídos a participarem do projeto democrático pelo acesso ao conhecimento, como condição para participação política, produtividade, empregabilidade (nos termos de hoje) o usufruto pessoal (CARVALHO, 2004, p. 51).

Trazendo para modernidade, o modelo familiar sofre uma mudança, onde a organização familiar se especializa, e o modelo educacional se torna um meio de capacitação para o meio de profissionalização. A família que antes era extensa aos pais, filhos e parentes se torna nuclear onde se contam apenas o pai, mãe e filho. Sendo assim, houve uma mudança nas funções de reprodução e de economia também, e pôr fim a educação também sofre mudanças diante do contexto da época.

De acordo com Nogueira (1998), que vem falar sobre a relação da família com a escola, a relação familiar adota uma postura em que o valor do filho começa a ser medido a partir do seu valor escolar.

O meio escolar assume um lugar de destaque na vida familiar. Contudo, varia de acordo com a realidade de cada aluno. Essa questão chamada de escolanovista que visa a pedagogia a partir da realidade do aluno, defendendo a ideia de que deve ser levado em consideração o meio social onde a criança está inserida, trazendo métodos pedagógicos que respeitem uma adaptação do ensino envolvendo o meio natural do educando, onde a criança não é mais vista como um adulto em miniatura (NOGUEIRA, 1998). A escola na contemporaneidade, também tem o objetivo de que haja uma coerência entre a escola e a família, podendo assim chegar ao objetivo proposto.

Hoje, mais do que nunca, depreende-se do discurso da escola a necessidade de se observar a família para se conhecer a criança, bem como para se obter um mínimo de coerência entre as atitudes educativas da escola e da família. E o constante diálogo com os pais passa a ser visto como o meio privilegiado de se chegar a esses ideais pedagógicos. (NOGUEIRA, 1998, p. 100).

A realidade do aluno muda quando ele passa a participar do âmbito escolar, visto que a partir do movimento escolanivista, isto posto que a escola começa a considerar um fator de importância a realidade na qual o indivíduo está inserido.

3.3 A escolarização das camadas populares e a visão da família diante dessa realidade

Acerca da escolarização das camadas populares, existe um caráter de importância no acompanhamento dos pais na escolarização de seus filhos, visto que quando os pais acompanham o desenvolvimento escolar, estimula a aprendizagem dos alunos, fazendo com que os mesmos tentem um desempenho positivo nas atividades escolares.

Viana trata que:

[...] acompanhamento minucioso da escolaridade dos filhos, escolha ativa do estabelecimento de ensino, contatos frequentes com os professores, ajuda regular os deveres de casa, reforço e maximização das aprendizagens escolares, assiduidade às reuniões convocadas pela escola dos filhos, utilização do tempo extra-escolar, entre outras (VIANA, 2010, p. 53).

Portanto, podemos perceber que é importante sim a presença dos pais acompanhando o desempenho cognitivo dos alunos, e que isso resulta em um melhor desempenho nas atividades escolares. Neste sentido, a família entra como agente facilitador da aprendizagem das crianças de camadas populares. Outro fator a se considerar, é quando a criança ou adolescente é confrontado com trabalho e vida escolar, isso resulta em uma baixa em seu desenvolvimento cognitivo, que por vezes o aluno não consegue conciliar as atividades rotineiras com as atividades acadêmicas.

Vale ressaltar que a família e a escola precisam trabalhar juntas para que ocorra o êxito na aprendizagem da criança. Todavia, cada uma deve trabalhar individualmente para que a aprendizagem ocorra de forma positiva.

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual e social. A escola constitui -se um contexto no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer (POLÔNIA e DESSEN, 2003, p. 305)

A família entra não apenas como agente facilitador de acordo com as autoras, mas como impulsionadora para que as crianças se desenvolvam positivamente em seu cognitivo. Contudo, cabe a escola a formação da criança como indivíduo sociável integrado no âmbito social. Na visão de Polônia e Dessen (2003) também é importante que os pais participem da educação escolar de seus filhos, visto que cabe também aos professores deixar os pais cientes do que está sendo passado para seus filhos. Sendo assim, despertando o interesse deles em manter uma relação de parceria com a escola

[...] oferecer aos pais informações e conceitos básicos sobre a evolução e desenvolvimento dos seus filhos; treinar os pais para orientar e ensinar seus filhos, no que diz respeito aos conteúdos e conhecimentos acadêmicos; proporcionar momentos de trocas de informações entre pais e professores, em reuniões estruturadas; realizar atividades em conjunto, para avaliar a criança ou implementar programas de apoio acadêmico ou social (POLÔNIA e DESSEN, 2003, p. 306)

Vale salientar que trabalhar a relação entre família e escola não é algo que podemos considerar como tarefa fácil, mas possível entre ambos os lados e chegar com êxito a uma aprendizagem com eficiência. Podemos considerar o fator socioeconômico como de grande relevância para o ensino aprendizagem, pois a depender do contexto sociocultural da criança, a relação entre a família e escola se torna inviável.

O convívio familiar é importante para a aprendizagem da criança, se desenvolva cognitivamente, sendo ela, de acordo com Vigotski (2007) de forma evolutiva e condicionada, proporcionando a criança um desenvolvimento positivo na aprendizagem.

“O desenvolvimento é visto como o domínio de reflexos condicionados, não importando se o que se considera é ler, escrever ou aritmética, isto é, o processo de aprendizado está completa e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2007, p. 89)

Polônia e Dessen (2003) relatam que é necessário a implementação de políticas educacionais que estimulem o desenvolvimento dos alunos falando sobre o contexto educacional. Em sua discussão as autoras falam do contexto sociocultural

considerando a realidade escolar de cada indivíduo e a relação da família junto com a escola.

Existe um fator a se considerar que não se pode adotar uma postura monopolizada por apenas um tipo de método, sendo a família de diversas pluralidades. Visto que para o êxito da relação entre família e escola é necessário tratar cada família de forma única e particular, pois mesmo que em todas escolas tenham em comum famílias elas não estão configuradas no mesmo formato.

Entretanto, a multiplicidade das formas de organização familiar, dos contextos em que as escolas estão inseridas, das especificidades da clientela atendida, sugere que não se devem estabelecer regras gerais nem modelos únicos de comunicação escola famílias, tampouco definir um único tipo de papel parental referente às questões escolares. (REAL; TANCREDI, 2005, p. 241)

Isso torna complexa a relação onde estão envolvidas a família e o meio escolar, sendo elas diferentes e em alguns casos é o que dificulta a relação familiar com a escola, mas essa mesma diferença é o que possibilita que o objetivo do êxito da aprendizagem aconteça com êxito.

Uma característica também que aparece na relação entre família e escola é a que a Carvalho (2004) trata sobre a divisão da educação das crianças onde a parceria entre escola e família está somente no papel da mãe na educação do filho e o pai entra apenas quando se referem a reuniões com os pais na escola, mas quando se divide a educação entre a escola e a família é a mãe que assume esse papel dentro do ambiente escolar.

Porém, estamos falando aqui do arranjo familiar onde a criança está inserida no formato de família onde existe o casal de um homem e uma mulher. Sendo assim, sabemos que existem muitos outros formatos de família onde se aplicam divisões diversas na educação dos filhos. Discutindo ainda a abordagem de Carvalho (2004) também fala que que existe uma mão dupla peculiar onde pode estar envolvido questões de raça, etnia, gênero e idade que configuram as interações e seus agentes

Essa educação é denominada formal, que se dá a educação que as crianças recebem na escola e a não formal identificada pela autora como a educação que os pais dão em casa, visto que esta não pode ser considerada menos importante, mas necessária para êxito da aprendizagem das crianças.

Quando se fala sobre os pais participarem da educação escolar de seus filhos, essa ideia se torna plausível, sendo para eles algo positivo pois beneficia as crianças.

A política de participação dos pais na escola gera concordância imediata e até mesmo entusiasmada: parece correta porque se baseia na obrigação natural dos pais, aliás, mães; parece boa pois sua meta é beneficiar as crianças; e parece desejável porque pretende aumentar tanto a participação democrática quanto o aproveitamento escolar (CARVALHO, 2004, p. 44).

Outro questionamento que a autora nos traz é identificar em quais momentos a escola necessita do auxílio dos pais, sendo eles chamados a irem a escola. Geralmente isso acontece quando a professora não tem mais o controle da situação, quando se trata de dificuldades de aprendizagem ou alterações no comportamento. Nesses casos a escola culpa a não participação dos pais na escola pelo déficit dos alunos em sala de aula (CARVALHO, 2004).

Quando a situação é contrária, sendo os filhos com bom desempenho escolar, não se veem a necessidade dos pais irem a escola, visto aqui a situação quando a necessidade apontada pela autora é o reforço escolar feito pelos pais, os mesmos não sentem a necessidade de acompanhar os filhos no desempenho escolar, sendo assim caracteriza-se desnecessária a presença da família junto a escola, pois seus filhos não aparentam ter problemas no contexto escolar por ter um desenvolvimento positivo na área cognitiva. Nesses casos não se faz necessária a presença dos pais em acompanhamento de seus filhos. Logo, a convivência mais leve e relaxada por não existir uma cobrança excessiva pelos estudos, por deveres de casa.

No entanto, é perigoso pensar em uma educação onde os pais não se preocupam por seus filhos, em se tratando do currículo escolar, porém a educação não se limita apenas a esse viés de educação do campo escolar, pois a educação em si vai muito além do currículo escolar (CARVALHO, 2004). Quando essa educação feita pelos pais. Não é possível ser feita com um acompanhamento feito junto a escola em se tratando de instituição cabe aqui as tarefas que as crianças levam como dever de casa

A autora CARVALHO (2006), em sua pesquisa, retrata que o costume de se colocar dever de casa para os alunos se dá como uma estratégia de interação entre a família e a escola. Visto que, a escola pode de certa forma, entender e acompanhar

como está o andamento curricular dos alunos enquanto ele se encontra juntamente com a família.

Assim, como o principal meio de interação família–escola, o dever de casa passa, de uma política tácita informal desenvolvida por famílias e escolas (e seus agentes), a uma política formal que articula os esforços educativos destas instituições. Nesse sentido, o foco no dever de casa pode servir como uma janela para olhar as relações família–escola e abordá-las de vários ângulos (CARVALHO, 2006, p. 95).

Nada obstante, a escola é sempre o ponto de partida na tomada de decisões, e é dela também que vem a evolução nas decisões que envolvem o fator família-escola. Dessa maneira, visando promover o sucesso onde envolve a aprendizagem dos alunos.

Mesmo diante de políticas educacionais e organizacionais de chamamento e participação da família no espaço escolar, visando à efetivação do processo de ensino-aprendizagem e analisando aspectos evolutivos das composições familiares é no cotidiano escolar que se presencia a maior involução dessas propostas. (JUNIOR ; MAIO, 2013, p. 107).

A referência que a escola traz insere as figuras familiares em seus aspectos social na figura que os personagens que elas representam na vida das crianças, em como elas enxergam os pais a partir do ponto de vista delas. Sendo a escola com o papel de comemorar o dia dos pais e das mães. Apesar disso, os autores fazem uma crítica em se tratando dessa postura, pois esse estereótipo acaba deixando de fora os outros arranjos familiares que não se enquadram nos papéis impostos por estas datas (JUNIOR ; MAIO, 2013).

A escola, na pessoa do corpo docente, pensa a respeito dos pais que os mesmos encontrem um tempo em meio a correria de seu dia a dia, em meio a suas atividades deem assistência a seus filhos nas tarefas escolares podendo assim ter uma participação mais ativa currículo de seus filhos ou até mesmo iniciar os estudos (no caso dos pais que não tem escolarização). Mas essa realidade nem sempre se torna possível. Mas isso é um apontamento que Carvalho (2004) defende.

Essas condições favoráveis à participação dos pais na educação escolar apontam para o modelo de família particular, que conta com um adulto, geralmente a mãe, com tempo livre, conhecimento e uma disposição especial

para educar. Este é o modelo tradicional de família e de classe média, que não corresponde às condições de vida na maioria das famílias pobres, trabalhadoras, e que está desaparecendo na própria classe média, com o ingresso das mulheres em ocupações remuneradas (CARVALHO, 2004, p. 47).

Quando os pais acompanham as tarefas escolares de seus filhos, os mesmos se sentem seguros e com maior empolgação em produzir suas tarefas escolares. Todavia, sabe-se que nem sempre os pais (mais precisamente a mãe) tem condições de acompanharem o andamento curricular de seus filhos, no caso aqui mencionando a família tradicional ou nuclear como citado pelos autores na definição de família. Essa realidade aqui abordada aponta a questão da família de classe média, tendo em vista que as camadas populares foram citadas por Carvalho (2004) como distantes dessa realidade.

Há vários aspectos interessantes da política-prática do dever de casa: relacionados a concepções curriculares, processos pedagógicos e ao trabalho docente, vistos como dependentes da contribuição da família; e relacionados à evolução, especialização funcional e entrelaçamento das práticas educativas de famílias e escolas, e ao dever de casa dos pais, mais precisamente, das mães (CARVALHO, 2006, p. 95).

A contribuição da família em relação ao currículo de seus filhos é uma política adotada pela escola e está diretamente ligada à classe média, e também representa uma classe popular que anseia pela ascensão podendo chegar ao no nível da classe média (CARVALHO, 2004).

Nem sempre essa realidade se torna possível nas camadas populares, pois em alguns casos os pais não sabem ler ou escrever e com isso os priva de auxiliar os filhos nas tarefas escolares, ou então os afazeres domésticos (na maioria dos casos confiados a mãe) limitam o tempo da família sendo que ela dá prioridade as tarefas da casa e não se atentam a acompanhar as tarefas enviadas para serem feitas em casa pois em alguns casos acredita-se que cabe somente a escola o dever de se encarregar das tarefas curriculares de ensino.

A partir de diagnósticos os mais variados, baseados na premissa de que, embora seja fundamental a participação das famílias na educação dos filhos, estas demonstravam, naquele momento, um profundo desinteresse e despreparo para lidar com o assunto, buscava-se projetar e desenvolver ações que visavam reaproximar a família da escola. No seu conjunto, em suas mais diversas elaborações, estas ações mostram uma intenção

colonizadora da escola em relação à família, entendida esta tarefa como um momento fundamental da ação reformista da escola em face da realidade social mais ampla (FILHO, 2000, p. 45).

Porém, esse interesse que a autora fala se trata de uma realidade encontrada em Minas Gerais, uma experiência que está voltada para a escola nova, e nessa visão se torna de extrema importância a participação da família na educação juntamente com a escola, e como a população mineira encara essa realidade, mas que pode ser comparada a outras realidades encontradas nos mais variados formatos de sociedade, sendo que a escola esteja atenta as realidades sociais dos alunos podendo assim elaborar estratégias que se encaixem no meio social inserido.

A autora traz uma realidade familiar onde os pais estavam cientes do papel da escola como formação acadêmica. Dessa forma, cabia a eles o dever de deixar seus filhos preparados para uma formação curricular. Existem os casos também onde os pais se separam e isso acarreta em uma sobrecarga para as mães (ou pais em outro formato familiar) e diante dessa realidade se torna inviável a participação na formação acadêmica de seus filhos, visto que a escola acaba se encarregando de além da formação acadêmica também a social. “Parece razoável esperar que os pais/mães sejam parceiros, aliados das professoras, pois desejam o melhor para seus filhos/as – neste caso, o sucesso escolar” (CARVALHO, 2004, p. 53).

Esse tema que relaciona família e escola tem sido base para muitas pesquisas, pois de acordo com os pesquisadores o tema é de importância, sendo a educação um viés de interesse tanto para pais, quanto para professores. Portanto, este é um tema comum entre ambos, o interesse das pesquisas abordadas se dá em achar uma ponte que interligue os dois. A participação dos pais na educação de seus filhos ajuda a desenvolver o interesse deles na aprendizagem. Sendo assim, a escola entra com estratégias que despertem o interesse dos pais na educação de seus filhos.

4 A VISÃO DOS PROFESSORES A PARTIR DO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Neste capítulo trataremos sobre os resultados do estudo de caso feito na instituição de ensino. Visto que antes dos resultados coletados falaremos sobre as categorias: tipos de dificuldades de aprendizagem, seu caminho metodológico, e contextualização do campo de pesquisa, funcionamento do espaço escolar e as dificuldades mais presentes a partir dos resultados obtidos dos pesquisados. Trazemos os resultados obtidos a partir do questionário aplicado aos professores na escola. Encontram-se também tabelas com os dados dos docentes pesquisados e das instituições pertencentes a escola utilizada como instrumento do estudo de caso. Questões como essa encontram-se nos relatos dos professores que se propuseram a participar da pesquisa. Aqui também se encontram os dados legais onde a escola foi embasada e dados administrativos do campo de pesquisa e a metodologia aplicada.

4.1 Caminho metodológico

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa. Posto que é de suma importância para avaliação onde os pesquisadores estão em contato direto com os pesquisados, entendendo como acontecem as circunstâncias dos sujeitos. Para Godoy (1995) a pesquisa qualitativa

Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

Este trabalho leva em consideração não apenas a aprendizagem em si, mas todo o contexto psicossocial que envolve a realidade do educando, sendo observado como é a realidade pessoal onde ele está inserido, e também qual contexto social do aluno e o meio familiar e suas influências na vida acadêmica.

A pesquisa se classifica como um estudo de caso, que ocorreu em uma escola onde existe uma realidade na qual caracteriza-se o quadro de dificuldade de aprendizagem identificado com laudo médico e em outros casos a partir da observação dos professores em sala de aula. Este estudo precisa levar em

consideração os fatores que envolvem o sujeito como por exemplo o meio social onde a escola está inserida. Para Mazzotti (2006) todos os fatores onde está ocorrendo o estudo de caso devem ser levados em consideração

Da mesma maneira, uma escola, como caso, deve ser estudada como um sistema delimitado, embora a influência de diferentes aspectos que se ligam a esse sistema, como o contexto físico, sociocultural, histórico e econômico em que está inserida a escola, as normas da Secretaria de Educação etc., não deva ser ignorada (MAZZOTTI, 2006, p. 641)

Todos os fatores devem ser levados em consideração antes de se chegar a um resultado concreto de uma pesquisa. O contexto social é de grande relevância, juntamente com a cultura local. A vista disso, o pesquisador precisa estar atento a todo contexto que embase a fundamentação de uma problemática encontrada no campo escolar.

A pesquisa foi realizada através de um questionário com questões abertas, contendo quatro questões no total, com o intuito de analisar os conceitos de dificuldade de aprendizagem e a influência da família em relação a esse contexto.

Para que esta pesquisa fosse possível foram necessárias três visitas à escola em questão, sendo que duas delas no mesmo dia e verificando a carga horária deles, os mesmos não estariam na instituição no mesmo horário. A equipe da secretaria sugeriu que fossem feitas outras vistas em outros turnos visto que não se encontravam na escola todos no mesmo período, contudo, não foi possível encontrar todos docentes pois eles estavam finalizando o período de aulas e entrando em recesso. A gestora solicitou que voltasse no horário vespertino. Conquanto no horário solicitado pela gestora os educadores também não se encontravam na escola.

Por fim, na terceira visita ao chegar no horário requisitado pela equipe da secretaria a pesquisa com os educadores foi possível. Contudo, não com todos os educadores, mas com 50% dos profissionais da educação que atuam no 9º ano. Os profissionais que atuam no 9º ano são 8 (oito) docentes que se intercalam entre os 3 horários de acordo com o cronograma da instituição e dificilmente é possível encontrar todos no mesmo horário. Deste modo, a pesquisa foi feita apenas com o que se encontraram no horário da tarde, ou seja, 4 docentes.

De início a pesquisa procurou contemplar todos os profissionais da educação atuantes no 9º ano, sendo o ano onde se fecha um ciclo do ensino aprendizagem, no

entanto apenas alguns se dispuseram a participar da pesquisa. Foram nomeados os professores como A, B, C e D, conservando a privacidade perante ao questionário:

Professor	Idade	Sexo	Formação
A	39	Feminino	Licenciatura em biologia
B	45	Feminino	Magistério
C	48	Masculino	Graduação em matemática
D	43	Feminino	Magistério

Tabela 3: Composição do corpo docente da unidade escolar pesquisada

Ao serem abordados para participarem do estudo de caso os educadores que se encontravam na instituição de ensino se dispuseram a responder o questionário, dois deles só depois da pesquisadora propor que poderia estar recolhendo os questionários em outro para maior comodidade dos pesquisados. Houve resistência por parte dos pesquisados por estarem em período de finalização de aulas e período de provas, no entanto aceitaram participar quando foi lhes informado que seus nomes não seriam revelados.

4.2 Contextualização do campo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola De Educação Básica na cidade de Pariconha-Alagoas. O meio social onde a escola está inserida se dá em um bairro de classe de médio porte em sua grande maioria, sendo que a escola atende público não apenas da cidade, mas também dos povoados vizinhos.

Esta escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, atendendo a demanda do ensino fundamental (1º ao 9º ano). Durante esses turnos, a escola recebe 780 alunos no total. Segundo relato dos funcionários da instituição essa demanda era maior, contudo as matrículas diminuíram com o tempo.

De acordo com os dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (DIAS, BERTOLEZA, *et al.*, 2016, p. 15) da escola, a sua criação foi embasada através do decreto 2017/2010, e tem seu registro no censo com o número 27003027.

As salas são climatizadas e o prédio é amplo, considerado uma escola de médio porte de acordo com o PPP da escola. No entanto, esse documento não se encontra atualizado. A escola onde o estudo de caso foi realizado é a sede, no entanto atua também em outras extensões onde a gestão responsável é a mesma que atua na sede.

1	E. Mul. de Ensino Fundamental Euclides da Cunha
2	E. Mul. de Ensino Fundamental Paulo Edmilson de Andrade Silva
3	E. Mul. de Ensino Fundamental Luiz Florêncio Barros
4	E. Mul. de Ensino Fundamental Baixa Verde

Tabela 4: Composição da unidade escolar pesquisada

Os pesquisados também atuam nas extensões, contudo o foco das respostas aqui analisadas se concentram na sede. A gestão da escola trabalha de forma democrática onde a equipe gestora é escolhida através do voto. A merenda da escola é disponibilizada pelo PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar.

No documento da escola encontramos os dados de ensino que falam sobre a caracterização da educação no ensino fundamental e também cita a educação de jovens e adultos (EJA) de acordo com a constituição de 1998 e também na Lei de Diretrizes e Base (LDB 9394/96), estando dentro dos padrões normativos contendo no mínimo 800 horas dispostas entre 200 dias letivos disposto no art. 24, do inciso I da LDB (BRASIL,1996).

4. 3 Análises dos dados

Nos relatos obtidos podemos encontrar a teoria se confrontando com a prática da docência em sala de aula, sendo que por mais que o professor utilize métodos diversificados, quando é o aluno que não se envolve nas atividades aplicadas no meio escolar, fica impossibilitado o trabalho do professor. Uma das respostas nos remetem ao relato de uma docente que traz a dificuldade de aprendizagem como desinteresse do aluno. A família é de grande relevância na aprendizagem dos filhos quando se trabalha junto com a escola, contudo nos resultados apresentados pelos pesquisados

não é isso que acontece onde apenas os alunos diagnosticados clinicamente possuem um acompanhamento dos pais com a escola.

4.3.1 Tipos de dificuldade de aprendizagem existentes em sala de aula:

Quando os docentes foram perguntados se haveriam ou não dificuldades de aprendizagem no espaço escolar onde eles ministravam suas aulas, relataram que sim. Em algumas respostas vemos que em alguns casos eles enxergam como a indisciplina uma característica forte para que ocorra uma dificuldade de aprendizagem.¹

“Dificuldades de aprendizagem, é tem uns que tem até laudos médicos, e é a maior causa deles é a indisciplina junto com a dificuldade de aprendizagem, que eu acho que a indisciplina é o que leva eles a terem dificuldades de aprendizagem na minha opinião. Os alunos se aproveitam que tem dificuldade de aprendizagem para não fazerem nada” (docente D)

O relato da docente mostra a partir de sua visão que a causa das dificuldades de aprendizagem é a indisciplina, e com isso os alunos que possuem laudos médicos se aproveitam da situação para não produzirem em sala de aula. Contudo, essa ideia vai contradizer os autores que tratam sobre métodos que previnem a indisciplina e motivam a aprendizagem. Por conseguinte, o aluno se sente motivado a aprender a partir dos métodos aplicados em sala de aula.

A importância da motivação nas atividades de ensino tem sido reforçada por pedagogos e psicólogos e o seu estudo pelo educador representa uma necessidade amplamente reconhecida, principalmente em escolas democráticas, nas quais os conteúdos e os métodos da educação devem, sempre que possível, respeitar as características individuais dos alunos (ECCHELI, 2008, p. 200).

É um desafio para o professor conseguir que o aluno se sinta motivado a aprender, e nem sempre é possível desenvolver um método que contemple o aluno

¹ Cabe aqui salientar que as respostas foram mantidas integralmente como foram respondidas no questionário sem nenhuma alteração nas falas dos pesquisados.

em sua especificidade. Mas e então a questão de dificuldade de aprendizagem é problema apenas da escola? É dever da escola fazer com que o aluno se sinta motivado. Porém, não cabe somente a ela o dever de educar e desenvolver métodos sozinha que acabem com a D.A. mas envolve vários fatores.

Sabemos que dificuldades de aprendizagem não tem apenas uma coisa e do mesmo modo que seu diagnóstico não é monopolizado, não é dever apenas da instituição de ensino também resolver essa questão.

A motivação é o ponto chave para que o aluno desenvolva a aprendizagem, assim sanando a questão que envolve a indisciplina e a dificuldade de aprendizagem. Um aluno que se sinta motivado a aprender desenvolverá melhor a área cognitiva. Vale salientar que essa motivação deve partir não somente da escola, mas todo meio que envolve o ambiente social do aluno.

A motivação enquanto interesse situacional (motivação extrínseca) é explicada como sendo um estado emocional provocado por estímulos situacionais específicos que levam os alunos a se engajarem intencionalmente nas atividades escolares, procurando atingir os objetivos propostos, através da utilização de recompensas ou pressões para aumentar a ocorrência desses comportamentos. (ECCHELI, 2008, p. 202)

O ponto chave para que a aprendizagem aconteça com eficiência envolve o contexto sócio-cultural onde o aluno está inserido envolvendo várias vertentes que devem ser levadas em consideração. Entretanto, é preciso estar atento a especificidade apresentada pelos alunos pois cada uma delas diferencia-se em suas características.

Temos o ponto chave na dificuldade de aprendizagem ao centro, contudo não existe apenas uma vertente que a circunda. Escola, através do educador tem um grau de extrema importância na vida do aluno. No entanto, a família também é um ponto forte com relação a aprendizagem de seus filhos.

Na maioria chegam sem base, não conseguem interpretar problemas, baixa concentração. (Docente C)

A escola não deve estar voltada apenas para o aprendizado do aluno, mas também estar ligada a formação de um cidadão inserido em uma sociedade capaz de opinar e se relacionar com o seu meio.

Neste contexto, a escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além, buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, ideais, crenças e valores. (POLÔNIA ;DESSEN, 2003, p. 304)

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) o ensino fundamental deve contemplar um currículo que favoreça a aprendizagem com práticas pedagógicas que facilitem o processo de ensino sendo ela contínua, sendo assim facilitando uma ligação entre as fases de ensino.

Além desses aspectos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento, na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre essas fases. (BRASIL,2017 p.55)

Vemos que a BNCC reforça que é necessário que a escola tenha em seu currículo propostas de aprendizagens dinâmicas e que deem continuidade ao processo de ensino começado nos anos iniciais.

Ainda sobre as dificuldades de aprendizagem algumas respostas se prendem a hiperatividade. No relato de uma das pesquisadas ela citou apenas uma dificuldade a TDAH.

Existem muitas situações do tipo, alunos que não dominam a leitura e escrita, falta de atenção ou hiperatividade (**Professor A**)

Alunos hiperativos com dislexia, TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) (**Professor B**)

A hiperatividade é uma das dificuldades que mais aparecem nas salas de aula como causa da dificuldade de aprendizagem, sendo ela um fator predominante no

meio escolar. “A mais saliente dessas é a hiperatividade, uma inquietação extrema que afeta 15 a 20% das crianças com dificuldades de aprendizagem” (SMITH ; STRICK, 2007, p. 15).

As autoras também falam sobre alguns comportamentos nos quais os professores identificam que a criança não consegue aprender, fraco alcance de atenção, dificuldade de seguir instruções, imaturidade social, dificuldade de conversação, inflexibilidade, fraco planejamento e habilidades organizacionais, distração, falta de destreza, falta de controle dos impulsos

4.3.1 A importância da família trabalhar junto com a escola:

A família pode participar da vida escolar de seus filho de forma mais ativa, entretanto nos relatos identificamos que não é isso que ocorre na integra. Os pais não participam do meio escolar juntamente a seus filhos, pois confiam essa tarefa somente a escola

A questão sobre as famílias as respostas são comuns entre, pois todos os pesquisados colocaram a família como importante fator na questão da aprendizagem de seus filhos. Contudo em seus relatos apenas os pais de crianças que possuem laudo médico tem um acompanhamento maior dos pais junto com a escola. Um dos pesquisados relata que os pais que frequentam a escola são aqueles onde as crianças apresentam um comportamento natural:

Escola e família é um elo fundamental para a evolução da educação
Docente A.

É fundamental apesar do pouco conhecimento que possuem. **Docente B**

Visto que, em uma outra resposta percebemos a carência da presença dos pais na escola e como seria importante um maior acompanhamento dos pais trabalhando com a escola. Sendo esse uma questão a se pensar pois trabalhando em conjunto o resultado em relação a aprendizagem seria satisfatório

Infelizmente são poucos os familiar que frequentam as escolas. Os que frequentam geralmente são aqueles que tem comportamento natural. (Professor C).

Total porque quando o pai está junto com a escola, ele vai saber quais a dificuldade que ele está tendo, e aí em acordo com professor e pais né, vai sendo trabalhadas essas dificuldade para chegar ao que a gente quer né, para que a gente possa avançar e ter esse desenvolvimento. Esse no meu ponto de vista é essencial o pai ele tem que tatá junto com a escola pra que haja esse acompanhamento, tanto da escola quanto dos pais. Se houver, tenho certeza que dá rendimento. Porque a gente vê que aqueles pais que se preocupam com os filhos, que de vez em quando vem na escola. Eles tem um avanço. Então na minha opinião é muito importante a família na escola (Professor D)

A relação dos pais com a escola deve ser íntima, sendo peculiar a participação da família na escola, podendo assim produzir um efeito positivo na aprendizagem de seus filhos.

A escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos e auxiliar as famílias a exercerem o seu papel na educação, na evolução e no sucesso profissional dos filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade (POLÔNIA ; DESSEN, 2003, p. 304.

É notório a importância da família e a escola trabalhando juntas, pois ainda que as dificuldades de aprendizagens sejam uma realidade constante nas escolas, e que suas causas ainda são objetos de estudos de muitos pesquisadores, a família ainda é a fonte primeira de educação para as crianças com ou sem dificuldade de aprendizagem, e que trabalhando junto com a escola seus filhos podem sim melhorar ou até mesmo sanar as características de D.A.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas obtidas confrontam a teoria em seus métodos, sendo que diante dos relatos dos pesquisados o professor fica de mãos atadas quando o aluno simplesmente não consegue aprender pelos métodos aplicados, contudo não se pode culpabilizar o aluno sabendo-se que diante de inúmeras pesquisas, não se chegou a uma conclusão concreta para que a aprendizagem não aconteça

A escola em questão possui vários casos de estudantes diagnosticados com DA. No entanto, são poucos os que realmente tem laudo médico. Isso é um agravante, pois os professores sentem dificuldades em lidar com os alunos “ditos” com dificuldades de aprendizagem, sendo a escola considerada com responsabilidade de fazer com que esses alunos evoluam, pois, a família não acompanha a aprendizagem de seus filhos, salvo os pais de crianças com diagnóstico clínico, ou aqueles que tem um comportamento sem dificuldades na aprendizagem. Família e escola precisam trabalhar juntas para que a criança desenvolva a aprendizagem ou até mesmo possa sanar os problemas em relação a área cognitiva. Contudo, os professores da instituição se queixam que as famílias não acompanham seus filhos. Somente as crianças que tem laudo médico são acompanhadas assiduamente, e segundo os professores estes tem uma evolução no quadro de aprendizagem.

Os gestores da instituição em desabafo relatam que seria muito importante a participação dos pais na aprendizagem dos filhos, e que isso faria com que eles evoluíssem na aprendizagem. Tendo em vista que a dificuldade relacionada a aprendizagem é o motivo chave que faz com que os pais se sintam na necessidade e irem a escola

Os professores da instituição denotam uma preocupação com a aprendizagem dos alunos. No entanto, os mesmos se sentem desmotivados quando percebem que os alunos usam suas dificuldades para não se esforçarem em sala de aula. Esse apontamento aparece no relato de uma das docentes que se mostrou apreensiva com a situação de alunos em sua sala que tem características que configuram DA

Diante deste estudo os professores mostraram-se desanimados ao falar de aprendizagem, sendo a indisciplina uma das causas mais frequentes para que a aprendizagem não ocorra com êxito.

Mas de quem é a culpa afinal? Não podemos apontar um culpado real para as dificuldades de aprendizagem. Contudo, o papel dos profissionais da educação é levar em consideração o contexto social onde o aluno está inserido e procurar métodos

onde se possa diminuir ou até mesmo sanar as causas de dificuldades de aprendizagem.

A escola onde foi feita o estudo de caso funciona os três horários, com um fluxo grande de alunos, e muito dos professores trabalham intercalando nesses horários com uma carga horária intensiva.

Portanto, o estudo de caso aqui feito não está em procurar um culpado, mas, contudo, descobrir quais os fatores que influenciaram para que a aprendizagem não ocorresse com êxito.

Seria viável a implantação de métodos onde fossem utilizados técnicas inovadoras que pudessem chamar a atenção dos alunos de forma que eles participassem ativamente das aulas e não apenas como um ouvinte passivo. Sendo assim, estimulando a criatividade dos alunos.

Enfim, esse tema ainda precisa ser assunto de muitas pesquisas onde se busca encontrar métodos que facilitem a aprendizagem dos alunos de forma eficiente

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. segunda. ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros técnicos e científicos Editora S. A., 2006.

BEE, H.; BOYD, D. **A CRIANÇA em desenvolvimento**. Tradução de Cristina Monteiro. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2018.

CALIMAM, L. V. Notas sobre a historia Oficial do Transtorno do Déficit de Atenção/hiperatividade TDAH, 30, n. 1. 46-61. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n1/v30n1a05.pdf>>. Acesso em: 18 Novembro 2019.

CARNEIRO, G. R. D. S.; MARTINELLE, S. D. C.; SISTO, F. F. Autoconceito e Dificuldades de Aprendizagem na Escrita. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, 2003. 427-434.

CARVALHO, E. D. Escola coomo extensão da família ou família como extensão da escola? o dever de casa e as relações famíli- escola. **Universidade Federal da Paraíba, centro educação**, Paraíba, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a08.pdf>>. Acesso em: 22 Outubro 2019.

CARVALHO, E. P. D. Modos de educação, gênero e relação família e escola. **Cadernos de pesquisa**, Paraíba, 34, Jan/Abr 2004. 41-58. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v34n121/a03n121.pdf>>. Acesso em: 21 Outubro 2019.

COELHO, D. T. Disgrafia, Discalculia, Disorgraafia e Discalculia, 2012. 17. Disponível em: <<http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Infância%20e%20Inclusão/Dislexia.pdf>>. Acesso em: 03 Novembro 2019.

CORREIA, L. D. M. Para uma definição portuguesa de diiculdade de aprendizagem específica. **Revista brasileira educação especial**, 13, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v13n2/a02v13n2.pdf>>. Acesso em: 04 Janeiro 2020.

DESIDÉRIO, R. C. S.; MYAZAKI, M. C. S. Transtorno de déficit de atenção/ Hiperatividade (TDAH): Orientações para a família. **Psicologia escola educação**, Campinas, 11, Jan/Fev 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a18.pdf>>. Acesso em: 04 Janeiro 2020.

DIAS, E. N. et al. **Projeto Político Pedagógico**: Escola Municipal de Educação Básica Padre Epifânio Moura. Pariconha: [s.n.], 2016. 69 p.

DÍAZ, F. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011. 396 p.

ECCHELI, S. D. **Amotivação como prevenção da indisciplina**, Curitiba, 2008. 199-213. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14.pdf>>. Acesso em: 08 Janeiro 2020.

FEITOSA, A. Y.; NUNES, J. A. Aprendizagem; as dificuldades em foco. **Fórum internacional de pedagogia**, Paraíba, 2012. 11. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/6e62a992c676f611616097dbea8ea030.pdf>>. Acesso em: 05 Janeiro 2020.

FILHO, L. M. D. F. Para entender a relação escola-família, São Paulo, 14, Junho 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9787.pdf>>. Acesso em: 23 Outubro 2019.

GIL, C. P. C. CONCEPÇÕES DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CORPO DOCENTE DE UMA ESCOLA DE 1º CICLO, Lisboa, 2011. 70.

GODOY, A. S. RAE-Revista de Administração de Empresas. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**RAE, São Paulo, 35, Março/Abril 1995. 57-63. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 08 Janeiro 2020.

GUEDES, E. M. et al. **Padrão UFAL de normalização**. Maceió: EDUFAL, 2012. 55 p.

JUNIOR, I. D. O.; MAIO, E. R. FAMÍLIA E ESCOLA: N UM NOVO (RE) PENSAR E (RE) AGIR PEDAGÓGICO. **Revista LABOR**, Ceará, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/6685-Texto%20do%20artigo-11798-1-10-20170316.pdf>>. Acesso em: 22 Outubro 2019.

MARCONI, M. D. A.; PRESSOTTO, Z. N. **Antropologia: uma introdução**. 7ª. ed. São Paulo: [s.n.], 2009. ISBN 978-85-224-5217-0.

MAZZOTTI, A. J. A. Usos e Abusos do Estudo de Caso. In: _____ **Cadernos de Pesquisa**. [S.l.]: [s.n.], v. 36, 2006. p. 637-651. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129>>. Acesso em: 19 Dezembro 2019.

NOGUEIRA, M. A. Relação Família e escola: novo objeto na sociologia da educação, Ribeirão Preto, agosto 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v8n14-15/08.pdf>>. Acesso em: 20 Outubro 2019.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão entre família e escola, relação família e escola. **Psicologia escolar**, 9, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>>. Acesso em: 10 outubro 2019.

REAL, A. M. M.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola e família em perspectiva, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n31/11.pdf>>. Acesso em: 10 outubro 2019.

ROSA, J. M. et al. A construção dos papéis parentais em casais homoafetivos adotantes. **Psicologia : Ciência e Profissão**, 36, JAN/JUN 2016. 14. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0210.pdf>>. Acesso em: 06 Fev 2020.

SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. Relação entre desempenho infantil em linguagem escrita e percepção do professor. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, 37, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0937132.pdf>>. Acesso em: 04 Janeiro 2020.

SANTOS, A.; SIMAS, M. L. D. B. Percepção e Processamento Visual da Forma: Discutindo Modelos Teóricos Atuais. **Psicoogia :Reflexão e crítica**, Porto alegre, 14, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5215.pdf>>. Acesso em: 04 Janeiro 2020.

SCHIRMER, C. R.; FONTOURA, D. R.; NUNES, M. L. Distúrbio de aquisição da linguagem e da aprendizagem, 80, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v80n2s0/v80n2Sa11.pdf>>. Acesso em: 21 Novembro 2019.

SIGNOR, R. Dislexia: uma análise histórica e social. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf>>. Acesso em: 05 Janeiro 2020.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z**. 2º. ed. Porto Alegre: Artmed, v. II, 2007.

STEFANINI, M. C. B.; CRUZ, S. A. B. Dificuldade de Aprendizagem e suas causas, o olhar do professor de 1º a 4º séries do ensino fundamental. **Revista educação**, Porto Alegre, p. 22, 2006. ISSN 058.

STEVANATO, S. et al. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem, Maringá, 2013. 10.

VIANA, M. J. B. Logevidade escolar em famílias de camadas populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família & escola**: trajetória de escolarização em camadas médias e populares. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap. II, p. 183.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins fontes, 2007. 182 p.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
CAMPUS SERTÃO
DELMIRO GOUVEIA

Questionário realizado com o objetivo de verificar o índice de dificuldades de aprendizagem encontrado na escola, e as influências familiares na vida dos alunos sob a perspectiva do olhar dos professores do 9º ano. Ressaltamos que seus nomes não serão revelados, tendo em vista apenas os dados obtidos na pesquisa.

Idade: _____ Gênero: M () F () outros ()

Formação: _____

1-Como você identifica os alunos que possuem dificuldades de aprendizagem?

2-Quais os tipos de dificuldades de aprendizagem existentes na sala onde você ministra suas aulas?

3-Quais as contribuições da família para a aprendizagem dos filhos com DA?

4-Para você qual a importância de a família trabalhar junto com a escola?
